



## **Novas Tecnologias e Ação Comunitária: reflexões sobre uma experiência de inclusão sociodigital<sup>1</sup>**

Lívia GOUVÊA – 5º semestre de Jornalismo – Facom - UFJF<sup>2</sup>

Orientador: Prof. Dr. Bruno FUSER – Facom – UFJF<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, MG

### **RESUMO**

As novas tecnologias podem funcionar como excelentes meios de inclusão social. Dentre elas, o computador e a internet, se utilizados da maneira adequada, podem ser eficientes na educação de jovens que não têm muitas oportunidades de aprendizado no meio em que vivem. Por isso, trabalhos de inclusão digital orientados podem apresentar a esses jovens um mundo infinito de informações e de novas visões que podem ajudá-los a se inserir na sociedade e a enxergá-la de uma forma diferente. Estas são algumas reflexões a que chegamos a partir de uma oficina, denominada “Novas Tecnologias e Ação Comunitária”, desenvolvida como parte das atividades do projeto “UFJF – Território de Oportunidades”, coordenado pela Faculdade de Serviço Social da UFJF, com participação de diversas outras unidades, entre elas a Faculdade de Comunicação Social – Facom.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade em rede; Inclusão digital; Inclusão social; Comunicação e cidadania

### **A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO SOCIODIGITAL**

A expressão inclusão digital tem cedido espaço, cada vez mais, à expressão inclusão social. O motivo é evidente: é preciso atender um conjunto de necessidades prévias (sociais, educativas, de saúde, moradia, etc.) dos usuários potenciais, que condicionam ou dificultam seu acesso às NTCI (novas tecnologias da comunicação e da informação).

A exclusão digital ocorre ao se privar as pessoas de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso. O resultado disso é o analfabetismo digital, a pobreza e a lentidão comunicativa, o isolamento e o impedimento do exercício da inteligência coletiva(...) a exclusão digital impede que se reduza a exclusão social, uma vez que as principais atividades econômicas, governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade vão migrando para a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Iníciacom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 5º período, curso de Jornalismo da Facom-UFJF. E-mail: liviacfaria@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor adjunto I da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br.



rede, sendo praticadas e divulgadas por meio da comunicação informacional (SILVEIRA, 2001, p. 18).

Laymert Garcia dos Santos aponta com clareza como ocorre o fenômeno da exclusão: para o capitalismo contemporâneo, globalizado, a estratégia da aceleração tecnológica e econômica total conduzem à tentativa de neutralizar todas as contingentes populacionais que se excluíram ou foram excluídos desse movimento, “seja porque o recusavam e a ele resistiam, seja porque se mostraram incapazes de acompanhá-lo, tornando-se então 'descartáveis', para usar as palavras do subcomandante Marcos” (SANTOS, 2003, p. 23). Laymert assinala que, nesse contexto, “a questão do binômio inclusão-exclusão torna-se central e a questão da resistência ao modelo dominante passa pela luta em prol da manutenção da diversidade de culturas e de sociedades, mas também em prol da diversidade de temporalidades e de ritmos, que não se aniquilam diante do imperativo da aceleração total” (SANTOS, 2003, p. 28).

Entre as experiências de inclusão digital está a dos telecentros, que são definidos no *Livro verde* da Sociedade da Informação no Brasil da seguinte maneira:

O termo “telecentro” tem sido utilizado genericamente para denominar as instalações que prestam serviços de comunicações eletrônicas para camadas menos favorecidas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos ou mesmo em áreas mais distantes. (TAKAHASHI, 2000, p. 34)

A proposta de se trabalharem as tecnologias da comunicação e da informação da perspectiva da ação comunitária busca adequar a atividade que desenvolvemos à estratégia geral das oficinas do projeto UFJF - Território de Oportunidades, que “têm sua unidade construída a partir do eixo de apropriação da cidade e o exercício do direito à cidade como fundamento do exercício político da cidadania” (CASSAB, 2006, p. 37). Ou seja, as atividades a serem desenvolvidas devem ser instrumento de construção de uma cidadania participativa, ativa. Ao mesmo tempo, busca-se adequar a proposta à perspectiva de uma comunicação comunitária, entendida esta como uma comunicação cidadã. Ou seja, a concepção aqui adotada é comunicação comunitária como “uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das ‘comunidades’ onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania” (PERUZZO, 2004).

Diz ainda Sérgio Amadeu da Silveira, sobre a relação entre inclusão digital e ação cidadã: “A cidadania na era da informação impõe o direito de se comunicar, de armazenar e processar informações velozmente, independentemente de condição social, capacidade física, visual ou auditiva, gênero, idade, raça, ideologia e



religiao” (SILVEIRA, 2003, p. 44). Finalmente, a perspectiva de ação comunitária está presente na forma como se dá a atividade de inclusão digital a ser desenvolvida: “A inclusão digital não pode ser apartada da inclusão autônoma dos grupos sociais pauperizados, ou seja, da defesa de processos que assegurem a construção de suas identidades no ciberespaço, da ampliação do multiculturalismo e da diversidade a partir da criação de conteúdos próprios na Internet, e, pelo ato de cada vez mais assumir as novas tecnologias da informação e comunicação para ampliar sua cidadania” (SILVEIRA, 2003, p. 29).

Assim, concordamos com Thiago Guimarães: “(...) os Telecentros não se prestam a simplesmente prover o acesso às chamadas 'tecnologias de informação e comunicação'. Não basta apenas abrir um lugar com os computadores. É preciso saber articular uma comunidade, com sua história, sua cultura, suas necessidades e suas expectativas ao Telecentro” (GUIMARÃES, 2003, p. 245).

Em Juiz de Fora, é de se destacar a experiência desenvolvida pela UFJF, especificamente pela Faculdade de Serviço Social, através do Projeto UFJF - Território de Oportunidades, que, através de várias oficinas, combate a exclusão social de jovens moradores do entorno da Universidade, em especial aqueles provenientes de setores populares. O objetivo geral do projeto é democratizar o acesso à universidade pública e, no caso específico de uma das oficinas, a de Informática, desenvolvida em 2005 e 2006, oferecer “oportunidade de acesso a linguagens e ferramentas indispensáveis no mundo hoje e, via de regra, não disponíveis, ou apenas muito precariamente, para os jovens filhos dos trabalhadores” (CASSAB, 2006, p. 37).

A oficina “Novas Tecnologias e Ação Comunitária”, que desenvolvemos durante o ano de 2007 (e continua em 2008) no âmbito do UFJF - Território de Oportunidades, pretende complementar a ação geral de tal projeto, e, fisicamente, se desenvolve na Facom – Faculdade de Comunicação Social da UFJF, e também na Casa de Cultura dessa Universidade, que abriga atualmente o Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, à Infância e à Juventude, da Faculdade de Serviço Social, ao qual pertence o projeto Território de Oportunidades. A oficina Novas Tecnologias e Ação Comunitária é desenvolvida essencialmente na sala 5 da Facom, com 20 computadores com acesso à Internet, e algumas poucas sessões na Casa de Cultura da UFJF.

## **O PROJETO**



No projeto inicial, a oficina de inclusão sociodigital que desenvolvemos, que se denomina “Novas Tecnologias e Ação Comunitária”, apresentou por objetivo:

- ampliar a cidadania dos seus participantes, garantindo o direito de interação social e de comunicação através das redes informacionais;
- contribuir no sentido de construir conhecimento para potencializar vocações profissionais existentes entre os participantes da oficina, vocações que possam apontar perspectivas de trabalho diferentes das alternativas laborais subalternas muitas vezes presentes nas ações de treinamento profissional de camadas populares;
- desenvolver atividades de educação não formal em tecnologias de comunicação e informação, na perspectiva de uma formação sociocultural com respeito à diversidade e à identidade dos participantes da oficina.

As atividades que se pretendia oferecer na oficina, no início do projeto, eram:

- módulo de construção da história do bairro em que mora o participante da atividade (permite a discussão sobre a formação histórica do bairro, da cidade, estado, país, e aponta para a introdução ao processador de texto e à navegação na internet);
- módulo de construção da história da família (permite desenvolver diferentes contextualizações do ponto de vista temporal, problematiza o futuro que o participante da oficina vê para si mesmo, a partir do passado e do presente, com pesquisa e entrevistas a serem realizadas com avós e pais, e aponta para o exercício de processador de texto e de captação e tratamento de imagem);
- módulo de interação social 1 – endereço eletrônico (permite a troca de mensagens com a população do planeta; se tentará trocar mensagens com grupos de participantes de telecentros de outros países de língua portuguesa; aponta para a criação de endereço eletrônico, email, para cada participante da oficina);
- módulo de interação social 2 – comunicação instantânea (permite ter contato com outros grupos de usuários das tecnologias da comunicação e da informação; serão formados grupos entre os participantes, escolhida uma temática para pesquisa e, depois, realizado um debate online sobre o tema; aponta a perspectiva de exercício com messenger ou outros programas de comunicação instantânea ou, ainda, com salas de bate-papo específicas);
- módulo de interação comunitária – o blog do bairro (permite a criação de instrumento de comunicação a ser veiculado pela Internet, com acesso disponível a todo o planeta; se colocará na Internet o resultado de módulos já desenvolvidos, tematicamente, e / ou serão desenvolvidos outros conteúdos; aponta para a perspectiva de construção de blog



e / ou site do bairro, a ser complementado com visitas e/ou capacitação de lideranças comunitárias para conhecimento e participação no blog).

As atividades estavam portanto organizadas por módulos, de duas ou três sessões cada, de forma a constituírem um conjunto de cerca de 10 a 15 sessões, coincidindo portanto com o número de sessões das oficinas do Território, mas, também, permitindo uma flexibilidade entre os módulos, assim como seu oferecimento e planejamento de forma independente.

## **ALFABETIZAÇÃO DIGITAL**

Muitas das metodologias, técnicas e instrumentos que são utilizados para a alfabetização convencional são também úteis e aplicáveis na alfabetização digital, também chamada tecnológica, base das iniciativas de inclusão social que abrangem a inclusão digital. Há vertentes que enfatizam a formação instrumental, e outras que buscam incorporar tal saber instrumental em uma visão global, crítica e transformadora da realidade, e esta atividade busca enquadrar-se entre estas últimas. O fundamento dessas vertentes é, essencialmente, a pedagogia de Paulo Freire.

O Mova - Movimento de Alfabetização, criado por Paulo Freire quando esteve na Secretaria de Educação do Município de São Paulo, apresenta reflexões sobre que significados pode ter uma alfabetização crítica e libertadora, como a preconizada pelo educador pernambucano, ao se traduzi-la para uma alfabetização digital (ver <http://www.movadigital.pucsp.br>).

Uma alfabetização digital pode, portanto, ser compreendida como o processo de se tomar consciência do mundo e de capacitação para a tomada de decisões a partir do domínio das chamadas novas tecnologias. O MOVA salienta que "não se trata de uma alfabetização restrita ao ensino de linguagens ou domínio de uso de software ou de novos aplicativos como planilhas ou o uso da internet".

Seu [de Paulo Freire] método começa com a procura de uma temática, que irá surgir dentro de um diálogo entre professor e alunos: ‘A procura temática converte-se assim numa luta comum por uma consciência da realidade e uma consciência de si, que fazem desta procura o ponto de partida do processo de educação e da ação cultural de tipo libertador.’” (MOVA DIGITAL, [http://www.movadigital.pucsp.br/teorico/teoricos\\_inclusao\\_completo.htm](http://www.movadigital.pucsp.br/teorico/teoricos_inclusao_completo.htm))

Paulo Freire criticou veementemente o que denominava educação "bancária", na qual o aluno é visto como um depósito a ser preenchido com o conhecimento transmitido de maneira mecânica pelo professor. Nessa pedagogia “bancária”, “o



educador é o que atua: os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador: o educador escolhe o conteúdo programático, os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele" (FREIRE, 1975b, p. 68).

Em Freire (1975a) encontramos também aquelas que são para nós importantes referências sobre a dimensão dialógica de que se reveste a comunicação, sob pena de se constituir em "extensão", ausência de diálogo, imposição, "invasão cultural", na qual "o invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação" (FREIRE, 1975a, p.41). Assinala o educador: "Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que o instrumento, é origem da comunicação - a palavra é essencialmente diálogo" (FREIRE, 1975b, p.12). Ou, ainda: "Ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade" (FREIRE, 1975a, p. 43). "Tal postura exige respeito à autonomia do aluno (...) e deve rejeitar qualquer tipo de discriminação", complementa o MOVA.

Gómez (ca. 2000) tece reflexões sobre a teoria da informática na educação à luz de Paulo Freire:

O esquema comunicativo básico, na relação educador-educando, é uma relação social igualitária, dialogal, que produz conhecimento. A comunicação é a relação que se efetiva pela co-participação dos sujeitos no ato de conhecer. [...] Na relação educador-educando deve-se privilegiar a responsabilidade mediadora do professor. Ou seja, sua capacidade de mediar o educando e o computador, gerenciando democraticamente a complexa rede propiciada pela informática. (GÓMEZ, ca. 2000).

Importante assinalar que a mesma perspectiva de ação libertadora está presente na metodologia do projeto UFJF – Território de Oportunidades: trata-se, em primeiro lugar, de realizar um trabalho em uma dimensão de classe (CASSAB, 2006, em especial o capítulo "Trabalho com famílias pauperizadas: o trabalho em uma dimensão de classe", p. 11 a 32). Nessa perspectiva, trabalha-se na perspectiva de "construção e implementação de uma metodologia de trabalho com famílias provenientes das classes populares que tem como norte a emancipação das famílias, buscando superar o conservadorismo e o caráter criminalizador das ações que muitas vezes a reveste" (CASSAB, 2006, p. 11-12)

Uma perspectiva de aplicação de metodologias de educação "não-bancárias" em inclusão digital é apresentada por Thiago Guimarães, ao descrever a perspectiva adotada na criação de oficinas nos telecentros do município de São Paulo. Tais oficinas são vistas como "(...) encontros de grupos com interesses convergentes e nos quais a



participação dos alunos e a experimentação são estruturantes da própria atividade. Importa mais o processo que seus resultados. Nas oficinas, também fica evidente o caráter instrumental da máquina: o computador é, acima de tudo, um meio para se fazer algo, em contraponto com a visão do ensino da 'máquina pela máquina'" (GUIMARÃES, 2003, p. 249).

Tínhamos, portanto, no projeto elaborado inicialmente, elementos provenientes das áreas da educação, do serviço social e da – ainda incipiente – inclusão digital como constituidores do núcleo teórico-metodológico da oficina.

Do ponto de vista de método, pretendia-se desenvolver encontros teóricos e práticos, sob coordenação do professor responsável e da bolsista de extensão, e também atividades práticas, e produção de conteúdo a ser veiculado pela Internet, seja através de blog(s), seja através de sites, específicos ou aqueles já existentes, como os do Território de Oportunidades e do Pólo da Juventude, da Faculdade de Serviço Social.

## **TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES**

Como se afirmou anteriormente, a oficina de Novas Tecnologias e Ação Comunitária faz parte do projeto UFJF – Território de Oportunidades, o qual está inserido no Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude da UFJF. O Pólo nasceu no início da década de 1990, no contexto de implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude da UFJF é um espaço que realiza estudos e pesquisas para subsidiar a formulação e implantação de políticas na área. Atua junto aos municípios na assessoria aos conselhos tutelares e faz um trabalho direto com famílias e com crianças e adolescentes. O Pólo é também um lugar onde professores e alunos de diversas áreas da UFJF desenvolvem projetos de pesquisa e de extensão que realizam os objetivos e as metas do Pólo.

De dentro do Pólo, nasceu, em 2004, o projeto UFJF – Território de Oportunidades. Um trabalho de ensino pesquisa e extensão no qual participam várias faculdades da Universidade. Este projeto foi criado com o objetivo contribuir com a educação de jovens de bairros e comunidades carentes e fazer isso a partir de oficinas que são oferecidas a eles. Essas oficinas são de Ciclo de Cinema, Sócio-educativo, Rádio e Jornal Impresso, Capoeira, Teatro, Vídeo, Inglês, Letramento, Música, Hip-hop, Educação Física e Novas Tecnologias e Ação Comunitária.





No ano de 2007 foram selecionadas duas turmas de 15 jovens cada uma para participar do projeto. Uma turma do bairro Santa Cândida e outra do bairro Granjas Bethânia, ambos localizados na cidade de Juiz de Fora. Durante o segundo semestre de 2007 a turma de jovens do bairro Santa Cândida participou da oficina de Novas Tecnologias e Ação Comunitária. E, durante o primeiro semestre deste ano de 2008, a turma do bairro Granjas Bethânia estará participando desta oficina.

Este trabalho consiste em uma análise da turma do bairro Santa Cândida, que já terminou de fazer a oficina de Novas Tecnologias. Na prática, a operacionalização da oficina passou por adaptações diversas, em relação às propostas feitas no projeto inicial.

### **A OFICINA, NA PRÁTICA**

A oficina de Novas Tecnologias e Ação Comunitária, portanto, tem o objetivo de aproximar os jovens do contato com o computador e com a internet, ferramentas de extrema importância na atualidade, e às quais esses jovens não têm acesso em suas casas e escolas e, por isso, sabem pouco ou quase nada sobre como manusear um computador e como utilizar a internet.

Essa inclusão digital vem acompanhada do objetivo de se fazer uma conscientização desses jovens sobre suas condições de vida, sua comunidade, sua história e, conseqüentemente, construir uma cidadania participativa, na qual eles sejam capazes interferir em seu meio produzindo mudanças para uma evolução coletiva de sua comunidade e também uma evolução pessoal, dele próprio.

O blog foi a principal ferramenta escolhida para desenvolver esse processo. O objetivo é que ele funcione como um espaço comum para os alunos e até mesmo para os moradores de seus bairros. Um lugar de discussões de problemas, apresentações de opiniões e que resultem em soluções. O blog também objetiva ser um lugar onde estes jovens possam expor sua cultura, seu meio de vida e seu cotidiano (ver: <http://acaocomunitaria.zip.net/>).

Além disso, a oficina, que é dada na UFJF, também objetiva que esses jovens tenham um maior contato com a Universidade, democratizando o acesso a esta e incentivando a descoberta de vocações e a entrada para o ensino superior. A oficina também colabora para qualificação desses jovens para uma futura experiência profissional.

Está se tornando cada vez mais necessário ter certo domínio das novas tecnologias, que avançam rapidamente, para estar incluso nesta nova era da informática





e da internet. A internet já se expandiu dos computadores para inúmeros outros aparelhos tecnológicos, entre eles o celular. E os jovens, mais do que os integrantes de qualquer outra faixa etária, são os que mais necessitam estarem sempre atualizados neste aspecto, pois o mercado de trabalho está se tornando cada vez mais exigente com relação a os conhecimentos tecnológicos.

No entanto, estes novos aparelhos tecnológicos são caros e, muitas vezes, inacessíveis para as camadas economicamente carentes da sociedade, por isso à medida que as novas tecnologias evoluem, aumenta também a dificuldade dessas camadas terem acesso a elas. Conseqüentemente elas vão se tornando cada vez mais isoladas desta nova sociedade informatizada, principalmente no que diz respeito à educação e ao trabalho.

Neste sentido faz-se necessário que sejam disponibilizados trabalhos de educação e inclusão digital para esses jovens, que vivem em meios afastados do contato com computadores e internet, e que, por causa disso, têm pouca noção e habilidade para utilizar estas máquinas. Além disso, é imprescindível que este trabalho não seja apenas um ensino técnico, mas um ensino tutorado para que os jovens aprendam a utilizar o computador e, principalmente, a internet, de uma forma educativa e consciente e possam lançar mão destas ferramentas para acrescentar melhorias ao seu meio acadêmico e social.

## **AS FERRAMENTAS E O DIA-A-DIA DA OFICINA**

A oficina de Novas Tecnologias e Ação Comunitária foi oferecida para os jovens do bairro Santa Cândida uma vez por semana durante duas horas, no laboratório de informática da Faculdade de Comunicação Social da UFJF .

Em uma primeira etapa, foi ensinado aos jovens a fazer e-mail e, a partir daí, entrar com seus endereços de e-mail e senha no MSN e a adicionar seus amigos a suas listas. Além disso, foi ensinado a enviar e receber arquivos por meio deste programa.

Depois, foi dada uma aula de apresentação da parte física de uma máquina de computador, onde foram ensinados os nomes e funções das partes dos hardwares como monitor, estabilizador, mouse, etc. Então, foi mostrada uma placa-mãe e apresentado seus diversos componentes e, por fim, mostrado onde ligar os diversos cabos de um computador.

Prosseguindo, foi ensinado a definição de software e explicado as principais funções e programas do Windows XP como os “Meus documentos”, “Painel de controle” e “Meu computador”. Nos “Meus documentos” foi ensinado a criar uma pasta para cada um e no painel de controle foi ensinado a modificar as propriedades do computador tal como cores da barra de



ferramentas, fonte, papel de parede e proteção de tela. Além disso, foi explicado o processo de gravar arquivos em CD-R.

Em certa oficina foi levada uma câmera digital e deixou-se que os alunos tirassem fotos uns dos outros. Depois as fotos foram enviadas por e-mails, para que aprendessem a receber arquivos e salvar em suas pastas no “Meus documentos”. Logo em seguida foi ensinado aos jovens como publicar informações no blog que foi construído para eles. Eles então colocaram as fotos que haviam tirado na oficina anterior e deixaram seus comentários.

Fazer download de músicas no formato MP3 por meio de sites de compartilhamento também foi ensinado e, para quem tinha celulares que comporta mp3, foi mostrado como passar as músicas do computador para estes pois, apesar de muitos terem celulares deste tipo, nenhum sabia como utilizá-lo desta forma.

Depois foi ensinado o contato com o editor de texto Word e suas ferramentas de edição. Primeiro, foi mandado um texto sem formatação, com fontes, tamanhos e alinhamentos despadronizados por e-mail para eles. A partir daí foi ensinando a editar o texto. Modificar a fonte da letra, o tamanho dela, a cor, o alinhamento, usar ferramentas como o negrito, itálico e sublinhado e por fim, como se visualizar a impressão. Depois foi pedido que enviassem os trabalhos prontos por e-mail, para que aprendessem a anexar arquivos.

Em certa oficina, foi feita uma discussão sobre o filme “Tropa de Elite”, um filme que estava em grande evidência no momento e que todos já haviam visto. Primeiro foi perguntado se haviam gostado do filme e todos disseram ter gostado. Depois foi perguntado se eles concordavam com a atuação dos policiais, que lançavam mão de violência e tortura aos traficantes, além de matar pessoas inocentes. Os jovens disseram concordar com o modo de agir dos policiais, já que os traficantes estavam errados. Então, foi perguntado por que eles achavam que o tráfico existe. Eles disseram ser devido à ambição dos traficantes em relação a bens materiais. Foi perguntado se não seria uma consequência do desemprego e da desestruturação social. Eles discordaram e reafirmaram ser por causa da ambição. Depois, foi perguntado se não consideravam que uma política de educação pública melhor resolveria, ou amenizaria o problema. E eles responderam que nem uma política de educação pública resolveria o problema e que será sempre assim e nada irá mudar. Depois da discussão foi pedido que pesquisassem na internet músicas, bandas, filmes, programas de tv, etc que gostassem e incluíssem no blog essas figuras com seus comentários.

Na última oficina foi ensinado a pesquisar para fazerem trabalhos escolares, foi mostrado como buscar os melhores sites e como editar o trabalho no Word.



## COMENTÁRIOS

Antes das atividades, o conhecimento da maioria dos alunos a respeito de informática era muito precário. A maioria não sabia como trabalhar em um software como o Windows e também não sabia utilizar a internet. Ao fim das oficinas muitos aprenderam a trabalhar com o Windows e seus programas, a utilizar o e-mail, o MSN, a na internet, e o blog.

Houve uma reunião de pais onde foi discutido o projeto e a importância e eficácia dele na vida dos jovens. Nesta reunião foi percebido que as mães dão grande valor e ficam extremamente satisfeitas por seus filhos estarem no projeto, principalmente pelo fato de eles não passarem as tardes nas ruas de seus bairros, onde podem estar em contato com drogas e violência. Além disso, as mães presentes na reunião disseram que a opinião de seus filhos sobre o futuro havia mudado. Anteriormente eles achavam que nunca chegariam à universidade e que universidade não era lugar para negros e pobres, mas agora já pensam em fazer faculdade ou um curso técnico.

No geral, os alunos não se dedicavam integralmente às atividades propostas, dividindo sempre sua atenção com o MSN e outros sites. No entanto não se negavam a fazer as tarefas.

Um agravante para se desenvolver o aprendizado é a falta de equipamento em casa para praticarem fora da oficina e poderem tomar intimidade com o computador. Isso dificulta muito a memorização, pois a maioria só tem contato com o computador na oficina.

Foi uma turma bem dispersa, mas compatível com sua faixa etária. Supomos também que muitos tenham vergonha de se dedicarem às tarefas, como ocorre muito nessa idade. O meio em que vivem e os problemas que enfrentam é um agravante para sua desconcentração nas aulas. Ao mesmo tempo, poderiam ter se dedicado mais às oficinas se tivessem idéia de como podem tirar proveito deste projeto. Durante a discussão sobre o filme “Tropa de Elite” foi possível enxergar a descrença destes jovens com relação à situação social do Brasil. E, apesar do projeto ter mudado em muito suas visões, eles também são muito descrentes com relação a si mesmos e a seu futuro.

## REFERÊNCIAS

CASSAB, Maria Aparecida Tardin (org.) **Para construir espaços solidários: uma metodologia de trabalho com jovens**. Juiz de Fora : EDUFJF, 2006.

FREIRE, P. (1975 a) **Comunicação ou extensão**. Paz e Terra : São Paulo, 1975. 2. ed.

FREIRE, P. (1975 b): **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 3. ed.

GÓMES, M. V. **Paulo Freire: Re-Leitura Para Uma Teoria Da Informática Na Educação**. São Paulo : ECA/USP, (ca 2000). Disponível em:



[http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil\\_margari.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_margari.html). Acesso realizado em 08.03.05.

GUIMARÃES, Thiago. “A luta pela inclusão digital: experiências e perspectivas dos Telecentros em São Paulo”. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da e CASSINO, João (orgs.) **Software livre e inclusão digital**. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2003. Págs. 237-254.

MOVA DIGITAL. “Programa Municipal de Alfabetização Digital” [on line] <<http://www.movadigital.pucsp.br>> [Consulta: 19 janeiro 2005]

PERUZZO, Cicilia. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania?** In: VII CELACOM/ENDICOM 2004 (VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação / V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul). Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação regional. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

SANTOS, Laymert Garcia dos Santos et al. **Revolução tecnológica, internet e socialismo**. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. “Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica”. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da e CASSINO, João (orgs.) **Software livre e inclusão digital**. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2003. Págs. 17-47.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

TAKAHASHI, Tadao (org.) **Sociedade da informação no Brasil : livro verde**. Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em [www.socinfo.org.br](http://www.socinfo.org.br). Acesso em 27.06.2004.